

Organizadoras

Ana Cláudia Zuarella

Denise Zimpek

O Eu e o Isso

Um século de ressonância

Blucher

FEBRA  PSI
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

O EU E O ISSO

Um século de ressonâncias

Organizadoras

Ana Cláudia Zuanella

Denise Zimpek

O Eu e o Isso: um século de ressonâncias

© 2023 Ana Cláudia Zuanella e Denise Zimpek (organizadoras)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editores Eduardo Blücher e Jonas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Juliana Moraes

Diagramação Plínio Ricca

Preparação de texto Luana Costa Negraes

Revisão de texto Cristiana Gonzaga Souto Corrêa

Capa Laércio Flenic

Imagem de capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
julho de 2021.
É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

O Eu e o Isso : um século de ressonâncias /
organizado por Ana Cláudia Zuanella, Denise
Zimpek. - São Paulo : Blucher, 2023.

326 p.

ISBN 978-85-212-2143-2

1. Psicanálise 2. Freud, Sigmund, 1856-1939
I. Zuanella, Ana Cláudia II. Zimpek, Denise
23-5472 CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Comissão de revisão editorial	09
Introdução	11
<i>Zelig Libermann</i>	
Prólogo	17
<i>Hemerson Ari Mendes</i>	
1. O Eu e o Id em tempos de transparência	21
<i>Renata Arouca</i>	
2. O Eu e o Id em tempos de excessos	31
<i>Regina Lúcia Braga Mota</i>	
3. Afetos emergentes hoje	37
<i>Bruno Salesio S. Francisco</i>	

4. O Eu e o Id: o que mudou na técnica psicanalítica? 45
Gildo Katz
5. A cultura em movimento: uma nova tópica se apresenta? 55
Gley P. Costa
6. Eu com Isso: o feminino, o masculino e a diversidade que há em nós 67
Lina Schlachter Castro
7. Natureza e cultura, morte e vida: os vastos territórios humanos e seus laços inescapáveis com o diminuto ponto azul em que vivemos 81
Maria Luiza Gastal
8. A emergência de afetos advindos de conflitos precoces 93
Tânia Oliveira de Almeida Grassano
9. Pode o eu conhecer o Eu? 105
Oswaldo Luís Barison
10. “Somos feitos de paixão, silêncio, som e fúria, da matéria-prima dos sonhos e de uma pitada variável de realidade” 121
Andreas Zschoerper Linhares

11. A não emergência dos afetos no desvalimento do Ego 131
Denise Zimpek
12. O Ego e o Id: limites da representação? 139
Géo Marques Filho
13. O que é Isso? Ou sobre trabalhar na fronteira do desconhecido 153
Luiz C. Toledo
14. Pré-monições e pré-concepções: e o eu com isso? 165
Sérgio S. Kaio
15. Mente primitiva: o que eu tenho a ver com isso? 173
Sonia Regina Saborido Gazziero
16. Eu com Isso: o arcaico do caráter e a clínica contemporânea 183
Roosevelt Cassorla
17. Entre o Eu, o Isso e a cultura 197
Daniel Delouya
18. O Eu/não Eu em mim: o que é isso? 207
Ana Clara Duarte Gavião

19. Múltiplas manifestações do Isso e do Eu no desenvolvimento de uma análise 225
Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini
20. O que há de Eu em Mim 239
Sandra Luiza Nunes Caseiro
21. O lugar dos afetos nos tempos ultrarrápidos da atualidade 255
Fabio Firmino Lopes
22. Os afetos e a mente ampliada do analista 267
Zelig Libermann
23. O @Eu com @Isso: na era digital 279
Liana Albernaz de Melo Bastos
24. (So)mente a tela de computador?! 289
Hemerson Ari Mendes
25. Considerações sobre o Eu: *what is up?* 307
Adalberto A. Goulart
26. O tecer das moiras: o masoquismo primário e sua relação com o Eu 317
Ana Cláudia Zuarella

1. O Eu e o Id em tempos de transparência¹

*Renata Arouca*²

Quero iniciar minha fala agradecendo à diretoria científica da SPBsb, em especial à Daniela Prieto, pelo convite na participação dessa jornada como preparatório para o nosso congresso a ser realizado em 2023.

Esse tema me fez pensar em algumas coisas, que tentarei aqui dividir com vocês para que possamos (re)pensar e talvez chegar em algumas reflexões. O Eu e o Id referem-se a instâncias psíquicas de um aparelho mental (para pensar) criado por Freud, mas a pergunta que se faz é: como nascem essas instâncias? E como ocorrem seus processos de delimitação de espaços/territórios? Tempos primitivos e arcaicos de um longo processo de constituição... Então, o Eu é algo que se faz ao longo de um caminho, trajetória e história? Está aí, também, a importância da história?

¹ Trabalho apresentado na Jornada Científica da Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI) pela Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) em 27 de agosto de 2022, sob o tema Sociedade da transparência.

² Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) e diretora do Conselho Profissional da FEBRAPSI.

A transparência diz respeito à qualidade ou à condição do que é transparente, ou seja, daquilo que deixa passar a luz e ver nitidamente o que está por trás (MICHAELIS, 1998). Essas associações me levam a pensar, também, sobre a questão dos limites, da importância da delimitação dos espaços, sejam eles intrapsíquicos, intersubjetivos, geográficos, espaciais... Ou quando estes não estão claros nem delimitados, ou então são rígidos, inflexíveis como muros, países com fronteiras fechadas...

Seguindo para mais associações e com intuito de exemplificar, despertar por meio do vínculo estético com o autor da obra/arte ao retratar aquilo que o comove diante das pessoas que a admiram e fazer analogias com a psicanálise, especialmente para as questões mais arcaicas e primitivas do funcionamento psíquico, “trago” a artista Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón, mais conhecida como Frida Kahlo, considerada a pintora mais importante do México. A artista compôs principalmente autorretratos e obras representando naturezas-mortas e paisagens.

Frida chegou, segundo Laidlaw (2004), a criar mais de duzentas telas, em sua maioria de dimensões relativamente pequenas. Meu objetivo é contar um pouco de sua história – sua deficiência física, sua passionalidade, seus desejos sem limites – e tentar analisar uma de suas telas.

Frida é a terceira filha de Carl Wilhelm Kahlo, imigrante, alemão, judeu e fotógrafo, e de Matilde Calderón y Gonzáles, católica, mestiça e mexicana. Ela nasceu em 6 de julho de 1907, mas mudou sua data de nascimento para 1910, a fim de prestar uma homenagem à Revolução Mexicana, aspecto que exprime bem seu espírito revolucionário.

A pintora nasceu em um ambiente em que sua mãe, em função do luto de um filho, não pôde lhe dar o peito, entregando-a aos cuidados de uma ama de leite indígena, uma prática comum no

México. Há evidências de que Matilde sofreu de depressão pós-parto e de que sua depressão aumentou em função de uma nova gravidez, dois meses após o nascimento de Frida. A chegada precoce de uma irmã, uma rival na atenção e no afeto materno, parece ter alimentado a convicção de Frida de não ser amada e de ter sido abandonada pela mãe (Dosamantes-Beaudry, 2007).

A relação de Frida com sua mãe parecia ser inadequada e com qualidades depressivas. Sua profunda sensação de estar só na presença de sua mãe está documentada em seus quadros sobre nascimento e amamentação, em que a pintora se imaginava e se mostrava lutando por sua sobrevivência sem poder contar com a presença viva de sua mãe, o que sugere um profundo sentimento de desamparo, solidão e vazio existencial começando muito precocemente em sua vida. Winnicott (1967) escreve sobre uma característica essencial, que “*é a capacidade da mãe (ou da substituta da mãe) de se adaptar às necessidades do bebê através de sua capacidade sadia de se identificar com o bebê (sem, evidentemente perder sua própria identidade)*” (pp. 195-196). Entretanto, quando ocorrem falhas nesse processo, apresentam-se angústias mais primitivas, que eclodem em etapas bastante precoces da vida, com experiências de ruptura na continuidade do ser e no sentido de existir.

Algumas produções artísticas de Frida nos aproximam de sensações, como quando somos afetados pela desintegração e pela despersonalização das figuras humanas, nos levando ao mundo dos terrores e de sentirmo-nos sem fronteiras e despersonalizados. Desse modo, podemos pensar, no caso de Frida com sua mãe, que houve falhas nesse processo, e sua mãe não pôde se identificar com seu bebê-Frida. Ela-mãe não pôde se sentir como se estivesse em seu lugar e responder às suas necessidades.

Por outro lado, o pai de Frida teve uma profunda influência em sua vida e no desenvolvimento de suas aptidões artísticas. Era

fotógrafo, epiléptico e compartilhava com ela seu *hobby*, a pintura. Sua presença na vida de Frida possibilitou a ela introjetar um objeto bom, acolhedor, um interlocutor que era buscado nas telas e nas tintas com que expressava seus sentimentos.

Aos 6 anos, a pintora contraiu poliomielite, tendo como consequências a hipotrofia do membro inferior direito e a atrofia do pé direito, provocando na futura artista intenso padecimento. Em função desse quadro, ela foi apelidada de “Frida perna de pau” e, com o passar dos anos, começou a usar calças – depois, longas e exóticas saias –, indumentárias que se tornaram, mais tarde, uma de suas marcas registradas. Com 18 anos, sofreu um grave acidente durante a colisão entre um bonde e um ônibus, no qual teve diversos ferimentos e fraturas, exigindo um longo período de recuperação e interrompendo seu sonho de cursar medicina. Nesse acidente, fraturou a espinha, a clavícula, a pélvis e várias costelas e, em função dos ferimentos, passou por 35 cirurgias ao longo de sua vida, precisando usar colete ortopédico até morrer.

Guilhermo Kahlo: Como se sente, Frida?

Frida: Nem lembro mais como era antes da dor.

Esse evento é considerado um fator determinante para o alvorecer de sua pintura, pois permitiu, de alguma maneira, que ela vencesse o tédio retratando a si própria e tornando a série de autorretratos uma significativa parte de sua obra. A pintora se expunha nas telas de modo dramático, profundo e íntimo nos retratos que fazia de si e, com isso, segundo ela, pintava sua própria realidade, ao mesmo tempo que estas funcionavam como espelho vivo de sua alma.

Winnicott (1967) afirma que no desenvolvimento emocional individual o precursor do espelho é o rosto da mãe. Essas situações especulares são condições adequadas para a integração do bebê e sua maturação, e quando não são encontradas repercutem em distúrbios no desenvolvimento. Quando, por algum motivo, a mãe

não tem a possibilidade de funcionar como esse espelho especial, e o bebê não vê a si mesmo no rosto da mãe, mas um olhar fixo, distante, ou uma preocupação desta consigo mesma, ele recorre a defesas que lhe permitam sobreviver e escapar do sentimento de caos psíquico. Nesse sentido, Frida criava, por meio de seus autorretratos, um espelho próprio, um olhar que tinha para a função de autossustentação e reconhecimento de si mesma.

Assim, suas telas, ao retratar a si própria, sua história e, principalmente, seu sofrimento expunham sua tentativa de uso da arte para se amparar e amenizar a dor física e psíquica que a acompanhou durante toda a sua vida. A competência sublimatória, a arte, permite ao artista certa proteção contra frustrações provenientes da realidade que poderiam causar dor maior do que deveras sente. Segundo Sklar (1989), a arte pode atuar como um bálsamo que alivia a dor real e, de forma substitutiva, trazer satisfação ao fazê-la/criá-la para o lugar do sofrimento.

Médico: Seu pé está assim desde quando?

Frida: Sei lá. Vamos com uma desgraça de cada vez. Engesse-me para eu poder pintar.

Médico: É gangrena. Terei de amputá-lo. Sorte sua salvar a perna.

O alcance de sua angústia foi expresso – em termos artísticos – por meio de órgãos expostos e de corpos sangrando e com cicatrizes, ou seja, de seu corpo em agonia; ao mesmo tempo, sua tentativa de amenização do sofrimento. Frida dizia: “Para que preciso de pés quando tenho asas para voar?”. Ainda na cama, onde permaneceu por meses, ela começa a desenhar e pinta, deitada, seu primeiro autorretrato. Freud (1923) nos diz que o “Eu mais arcaico é primeiro e, acima de tudo, um Eu corporal e a projeção de uma superfície ao derivar das sensações corporais, principalmente das que se originam da superfície do corpo” (p. 39). Desse modo, o Eu pode ser encarado, segundo o autor, como uma projeção mental da superfície do corpo,

além de representar as superfícies do aparelho mental. Nesse processo, o corpo irá interagir com o meio e com o outro/objeto e, nessa interação, o Eu irá se constituir. Portanto, tem-se, nesse início, uma indiferenciação do Eu com o outro/objeto.

Frida traz para a cena excitações que ainda não podem ser representadas e não encontram possibilidade de expressão psíquica. Com isso, tem em seu corpo uma via de descarga. Essa condição de provação psíquica revela sua carência simbólica e remete a traumas precoces que estão subjacentes a fenômenos psicossomáticos. Desse modo, ela representa em suas obras seu excesso de angústia, de cores – que trazem vida –, de sofrimento e dá à eternidade ao transformar estes em estética, mediante a qual nós, quando olhamos, podemos nos identificar com a personagem, com as personagens de suas telas que representam ela mesma.

Em 1929, com 22 anos, Frida Kahlo casa-se, apaixonada, com o renomado muralista Diego Rivera, 21 anos mais velho, com quem manteve um relacionamento longo e turbulento, repleto de traições. Em 1930, ela engravida e sofre seu primeiro de três abortos espontâneos. A identificação artística e os ideais mexicanos e comunistas de Frida e Diego estão, provavelmente, entre os ingredientes do intenso e conturbado relacionamento vivido por ambos, repleto de infidelidades, desamparo, dor e abandono.

Kahlo amou Rivera incondicionalmente até o final de sua vida e, como consequência, sofreu em tamanha intensidade. Sua passividade e sua dependência são, também, expressas nessa relação cheia de aproximações e separações, momentos de grande ternura e de intensas dor, raiva, construção e destruição. Assim como o marido, Frida também teve relacionamentos extraconjugais, com homens e mulheres. Diego, no entanto, era o pivô de sua existência e seu ponto de referência. A maioria de seus quadros retrata o que sentia por ele, especialmente o lugar central em sua mente que ele

ocupava. Fato marcante, e que expressa uma de suas dores, foi o romance do marido com sua irmã Cristina.

Frida: Com a minha irmã? Seu animal!

Diego: Sou uma besta, um idiota, mas não significou nada. Nada! Fale comigo.

Frida: Tive dois acidentes trágicos na minha vida. O bonde e você. E você foi o pior.

Em seu diário, Frida escreve tudo o que ele representa para ela: “princípio, construtor, minha criança, meu namorado, pintor, amante, ‘meu marido’, minha mãe, meu pai, meu filho, = a mim, Universo diversidade na unidade” (Kahlo, 2005, p. 60). Ao mesmo tempo, há um grande lamento: “DIEGO, estou só” (p. 79) e, ainda, um momento de dura reflexão: “Por que eu o chamo meu Diego? Ele nunca foi ou será meu. Ele pertence a ele mesmo” (p. 61).

Nesse sentido, Frida utilizou a pintura para traduzir sua angústia diante das tragédias que marcaram sua existência. Apesar de tudo, as adversidades em seu caminho não a impediram de ser uma mulher dinâmica e engajada cultural e politicamente, aspecto vociferado em suas telas. Ela pintava buscando dar sentido a seus sentimentos, fazendo da arte ora, quem sabe, uma atividade terapêutica, ora, talvez, uma obrigação existencial.

A imagem socialmente construída é de uma mulher engajada, politicamente revolucionária, livre e à frente do seu tempo. Artista participante da Revolução Mexicana, convivendo com revolucionários, artistas e líderes comunistas, alguns companheiros e amantes, como Trótski, Frida foi construindo a imagem de mulher implicada e voltada para os valores de sua terra e para ideais de uma revolução, estes também presentes em suas telas.

Em 1946, com seus problemas nas costas e com dificuldades para andar, Frida pinta o quadro intitulado *O veado ferido*, em que

se representa no corpo de um veado macho, com galhos na cabeça. Essa tela é entregue como presente de casamento para seu amigo Arcady Boytler, diretor de cinema, e sua esposa Lina. A palavra *carma* está escrita ao lado da assinatura da pintora. A pintura pode ser acessada no Museo Frida Kahlo, no site <https://www.museofridakahlo.org.mx/frida/>.

A sexualidade de Frida tinha um papel central em sua vida, algo que também foi expresso em suas obras. Ao lado do sofrimento, de suas feridas, coexistia um clima sensual. Suas telas sobre concepção e retratando corpos desnudos fazem referências aos elementos masculinos e femininos, ao mesmo tempo que mostram uma atmosfera de muito vigor.

Neste quadro, a artista faz uma metamorfose de aspectos do humano e do animal. Escolhe o corpo de um animal, o veado, que se apresenta de maneira elegante, frágil e delicada, e seu corpo, corpo-animal, está perfurado por nove flechas que localizam as múltiplas feridas físicas e afetivas. Seu rosto expressa, além da dor, um ar sereno e compenetrado. Apesar de profundamente ferido – coloca-se a questão: quem o feriu? –, o veado segue seu caminho. Frida, identificada com o animal, com suas dores físicas e emocionais, tentava seguir sua vida; ao mesmo tempo, há uma busca por mais forças para lidar com as dificuldades?

Nessas feridas, vemos o sangue escorrendo, este que fala de morte, de dor, mas também de vida, de menstruação... A morte de humanos, dos animais, o abate... Nisso vai se apresentando um liberalismo radical como um sistema com o uso e o abuso do outro de maneira desenfreada... E uma lógica social pautada pela guerra, intolerância em que o outro não é tido como alteridade, mas como um inimigo que deve ser afastado e exilado, pois é o culpado pelas mazelas da sociedade. Aqui, hospitalidade se torna hostilidade, e esse outro, foco do ódio, tem abalos narcísicos com relação ao seu

próprio valor, e essa lógica traz incidências sociais, pois ficam sem acesso aos meios culturais, sociais, econômicos da sociedade... Onde o medo e o ódio incitam a eliminação e o apagamento dos conflitos, e não sua explicitação...

Frida veio a falecer em 13 de julho de 1954, aos 47 anos, duas semanas após uma manifestação comunista da qual participou, contrariando ordens médicas, empurrada em sua cadeira de rodas. Ela ainda chegou a participar da exposição de suas obras, embora tendo comparecido em sua própria cama, devido às limitações desse lugar onde permaneceu até sua morte (Laidlaw, 2004). Posso dizer que a pintora transformou sua trajetória intensa e dolorosa em um fecundo processo de criação, em que reflete a si mesma, os sentidos de sua existência e a busca de cura.

Tempos passados, atuais... Transformações sociais, políticas, tecnológicas que também transformam a vida familiar e social e exigem a construção da convivência com a alteridade radical e a diferença. Com a pandemia, o sentimento de ameaça, insegurança e vulnerabilidade se intensificou, e a dimensão do outro teve seu lugar de destaque diante das consequências de vivenciar uma crise sanitária. Nessa crise, em que muitas pessoas tiveram/têm a negação desta realidade, com o descrédito e a desautorização sobre o que ocorria/ocorre... e, conseqüentemente, a intensificação do sofrimento e o retraumatismo nas pessoas. Falo de situações que não dizem respeito somente a aspectos intrapsíquicos – da história de cada um –, mas de sofrimentos produzidos também por questões sociopolíticas. O papel do testemunho adquire um lugar central, não somente aquele que vai revelar o inconsciente recalçado, mas também aquele que irá acompanhar uma construção, a construção pós-traumática com a possibilidade de dar sentido às experiências e às resistências a essas experiências. Assim, esse papel tem sua importância, no sentido não somente de saber o que está escondido por meio do manifesto, mas também como aquele que faz

uma escuta empática e o acompanhamento de um testemunho e de sujeitos em uma perspectiva decolonial de não impor ao outro um modo de ser, uma verdade/razão ou uma experiência de vida.

Referências

- Dosamantes-Beaudry, I. (2007). Frida Kahlo: representaciones self-outro y la auto-sanación a través del arte. *Rev. Chil. Psicoanal.*, 24(1), 66-78.
- Freud, S. (1923/1996). O Ego e o Id. In S. Freud, *Obras psicológicas de Sigmund Freud* (pp. 13-72). Imago.
- Kahlo, F. (2005). *The diary of Frida Kahlo: an intimate self-portrait/ introduction by Carlos Fuentes*. Harry N. Abrams.
- Laidlaw, J. A. (2004). *Frida Kahlo* (M. A. Rodrigues, Trad., Coleção Grandes Mestres). Ática.
- MICHAELIS (1998). *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos. 2259 p.
- Sklar, S. (1989). *O espaço imanente: um estudo psicanalítico sobre a arte em Sigmund Freud e em Jacques Lacan*. Imago.
- Winnicott, D. W. (1967/1975). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (pp. 154-157). Imago.

2. O Eu e o Id em tempos de excessos

Regina Lúcia Braga Mota¹

Alguns aspectos pontuais me chamaram a atenção nesse momento em que estamos vivendo um tempo de excessos. A partir da clínica psicanalítica e da observação psicológica das pessoas, o contexto humano se revela agora bastante peculiar.

Por causa da pandemia, houve um excesso de restrições, o que foi muito difícil para muitos; excesso de isolamento e de solidão, gerando aumento de suicídios, alcoolismo, tabagismo e sedentarismo. Por outro lado, percebemos nos noticiários um excesso de agressividade, de assassinatos, estupros, feminicídios e mortes dentro das famílias de maneira desenfreada. Podemos relacionar esses fatos à dinâmica entre o Eu e o Id, instâncias do aparelho psíquico.

O Id, reservatório da libido e das pulsões, conta com o Ego, ou o Eu, como aquele negociador, mediador entre essas pulsões e o Superego. O resultado dessa mediação vai definir como a pessoa vai agir nas circunstâncias atuais. Essa é a ideia central contida no texto do Freud de 1923, “O Ego e o Id”, que constitui a segunda tópica freudiana, entrelaçada com a primeira de 1900-1915, que trouxe a noção de consciente, pré-consciente e inconsciente.

¹ Membro titular e analista didata da SPbsb. Mestre em Psicologia Clínica pela UnB.

O que suponho que esteja acontecendo neste momento é que o Id pede passagem, ou seja, o Id vem com todas as pulsões e, para quem não tem um Eu bem constituído, fica difícil mediar essas pulsões de agressividade, sexualidade, preconceitos, por identificação com nossos líderes. A política atual parece estar contribuindo com isso, com as armas liberadas e os clubes de tiro, assassinatos de indígenas e de indigenistas. Em contrapartida, vê-se um excesso do politicamente correto, palavras que podem ser ditas ou não por serem consideradas preconceituosas, quando o superego se manifesta.

O texto do filósofo Byung-Chun Han (2010/2015), “Sociedade do cansaço”, acaba confluindo com o novo livro de Elizabeth Roudinesco (2021/2022), *O Eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias*. Ambos tratam de excessos, sendo que o primeiro autor afirma que isso pode produzir um “infarto da alma”, até por excesso de positividade, e a segunda autora descreve os excessos identitários.

O excesso de informação via internet, *lives*, *podcasts*, *fake news*, com todos opinando sobre tudo, pode gerar uma confusão mental, uma saturação e um entupimento das vias que possam trazer um pensamento produtivo, mais diluído, para lidar com a frustração. Essa frustração pode ser mais bem suportada por aqueles que possuem um Ego forte.

O inconsciente e a pulsão de morte brotaram dos refúgios psicóticos e, como consequência, o Id passou ao ato, por meio de *acting outs* graves e manifestações maníacas, contra o excesso de depressão e repressão.

Percebi, na clínica, um excesso de sonhos, produzidos tanto pelos pacientes quanto pelos analistas, em uma manifestação simbólica do inconsciente, já que as ações motoras e relacionais estavam paralisadas. Predominaram os sonhos de angústia e de

realização de desejo, para elaborar o trauma da própria pandemia. Visto que os desejos não estavam podendo ser realizados, nos sonhos isso poderia acontecer, como um recurso alucinatório. A possibilidade de simbolizar fez a diferença para que não se partisse para ações desenfreadas, mais primitivas.

A sublimação transcende a capacidade de simbolização. Com isso, os que possuem melhores recursos internos puderam usar essa crise humanitária para criar soluções. Foram desenvolvidas outras formas de comércio pela internet e de comunicação. Nós, analistas, tivemos de nos reinventar de uma forma que Freud nunca poderia imaginar. E as análises online foram bem-sucedidas.

Depressão, ansiedade e insônia aumentaram muito, levando ao uso crescente de psicotrópicos. Idosos se queixando de perderem dois anos valiosos do término de suas vidas, quando poderiam estar viajando e socializando. Em contrapartida, a negação e o medo da depressão, em alguns casos, levaram a uma euforia de falar demais, sair para comemorar sem a proteção das máscaras, não medindo as consequências. O excesso de trabalho em casa também acarretou *burnouts*.

Muitos casais de namorados resolveram morar juntos, isolando-se dos outros, porque assim poderiam conviver intimamente, já que os outros é que poderiam gerar contágio, e não eles próprios. O outro, ou o estranho, passou a ser fonte de perigo.

Quem morava sozinho teve de se haver muito profundamente com sua solidão, comunicando-se a partir de mensagens de vídeo ou de áudio. Ao mesmo tempo, criou-se a suposição de uma autossuficiência.

Sabemos que o encontro entre duas pessoas proporciona muita angústia, uma tempestade emocional, uma mudança catastrófica, e muitos usaram a pandemia para se afastar cada vez mais dos outros, como uma defesa psíquica. Fugindo dessa realidade e

evitando encontros, com o excesso de isolamento houve um excesso de descuido físico. No novo normal, surgiu uma preguiça, um cansaço para comparecer a eventos presenciais. A acomodação em casa com os eventos virtuais teve o efeito de agora as pessoas desejarem continuar online para sempre.

As aulas e supervisões online mantiveram as nossas formações, mesmo percebendo que a comunicação passou a ser mais formal, sem a efervescência do encontro ao vivo. Considero que os seminários presenciais apresentam características peculiares de fenômenos de grupo, que são mais difíceis de serem detectadas no modo virtual. O mesmo acontece com as análises virtuais. Penso que o divã é insubstituível, bem como a observação dos movimentos gestuais do corpo do paciente desde a entrada no consultório.

Espero que voltemos a essa modalidade, mesmo que de forma híbrida. Estamos saturados das telas de computador e celular, atendendo o dia inteiro com esse foco. Mas reuniões, palestras e conferências com participantes de outras regiões e de outros países devem continuar, pois constituíram um ganho espetacular durante a pandemia.

Com as livrarias fechadas, houve um excesso de impressões eletrônicas, digitais, recursos muito importantes, bem como a possibilidade de se comprar livros via internet. Considero, no entanto, que nada substitui o prazer de folhear um livro impresso no papel, uma ida a uma livraria, passando entre as estantes e nos deparando com surpresas infinitas. Entendo que devem existir as duas opções tanto para livros quanto para periódicos.

Enfim, os opostos coexistem, pessoas desanimadas, deprimidas, que não conseguem trabalhar, e algumas produzindo até excessivamente, como uma compensação. Um excesso de gente que quer se encontrar enquanto outras pessoas estão com medo

de conviver presencialmente, funcionando de maneira esquizoide, mantendo-se dentro de seus casulos, protegidas.

Diante desse complexo panorama vivido por nós, no ritmo incessante de várias abas abertas e da informação que pula a nossos olhos, percebo que, nas nossas instituições, provocou-se um movimento semelhante.

Os diferentes modelos de formação têm sido discutidos por décadas em muitas sociedades do mundo. Mas, atualmente, protegidos pela virtualidade, corremos o risco de nos lançarmos na rigidez belicosa do conflito; na cesura que finda o diálogo e impede o nascedouro.

Sabemos que ritos de passagem sempre existiram desde os primórdios da civilização, como elementos estruturais para sua organização. Eles carregam uma história, mas geram transformação.

Quanto à seleção de pretendentes à formação, creio que os critérios têm de ser bem definidos. As pessoas devem ter condições psíquicas para serem psicanalistas, uma mente pensante, que também sofre e sente, mas com características para desempenhar esse difícil ofício de tornar dizível a dor nem-dizível, funda. O desejo por exercer essa atividade deve ser genuíno, e não movido por outros interesses.

Penso que simplificar o caminho na seleção, na progressão dentro da instituição e na qualidade do ensino deve ser uma solução muito pensada, pois é usada por todas as pseudoformações que proliferam a cada dia. Preservar a essência da psicanálise e o legado de Freud, julgo indiscutível e primordial. Bem como manter a clínica psicanalítica viva.

Espero que as nossas sociedades possam se manter sem excessos identificatórios, mas com nossa identidade e qualidade preservadas. E que a criatividade possa ligar ao novo o sedimento formativo dos anos de prática.

Referências

- Freud, S. (1923). O Ego e o Id. In S. Freud, *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad, Vol. XIX, pp. 13-83). Imago, 1976.
- Han, B.-C. (2010). *Sociedade do cansaço*. Vozes, 2015.
- Roudinesco, E. (2021). *O Eu soberano: ensaio sobre as derivas identitárias*. Zahar, 2022.

3. Afetos emergentes hoje¹

*Bruno Salesio S. Francisco*²

Bom dia a todos!

Estou muito contente por estar aqui na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), que conheço há bastante tempo; uma instituição consistente, de colegas muito competentes e uma revista de tradição e de alto nível, fruto de muita dedicação.

Agradeço a Diretoria da SPPel por ter-me indicado a representar nossa Sociedade neste evento preparatório do 28º Congresso Brasileiro de Psicanálise. Cumprimento a FEBRAPSI, cujo atual presidente é membro da SPPel, pela iniciativa em propor esse evento preparatório. Falar de um tema como este, em quinze minutos, só pode ser feito em manchetes. Por tal razão, serei informal. Meu foco será ‘Afetos em Emergência’.

¹ Texto lido na atividade preparatória do 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise, realizado na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, em 8 de outubro de 2022, com a participação das três Sociedades Psicanalíticas do Rio Grande do Sul filiadas à International Psychoanalytical Association (IPA) e à Federação Brasileira de Psicanálise.

² Membro Titular e Analista Didata da Sociedade Psicanalítica de Pelotas; Membro Titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro; *Consultant* do Comitê de Observação Clínica da IPA.

Strachey (1966/1977, p. 25), ao comentar sobre alguns termos técnicos cuja tradução requer explicação, esclarece uma questão etimológica: *Affekt*, *Empfindung*, *Gefühl* são termos do idioma alemão. Em inglês: *affect* (não é de uso corrente em inglês), *sensation* (sensação) e *feeling* (sentimento) ou *emotion* (emoção).

Empfindung corresponde e traduz-se por *sensation* e *feeling*.

Gefühl não pode ser traduzido como *feeling*, mas pode ser traduzido como *emotion*.

Freud usava regularmente a expressão francesa *état émotif* como tradução do alemão *Affekt*, no trabalho originalmente em francês *Obsessions et phobies* (Strachey, 1966/1977, p. 25, e 1966/1976, p. 87).

Na “Comunicação Preliminar”, (Breuer e Freud, 1893/1974), discorrendo sobre a histeria, Freud afirma que o sintoma histérico seria decorrente de *um afeto bloqueado em sua descarga*. Um fato que por algum motivo não pôde aceder à consciência mantém o afeto preso e desencadearia o sintoma. Na Interpretação dos Sonhos, Freud (1900/1972) vai argumentar que a inibição motora provocada pelo dormir não permite a descarga do afeto provocando o sonho e daí conclui em sua muito conhecida concepção que o “*Os sonhos são os GUARDIÃES do sono...*” (p. 248).

Em suas *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, Freud (1916/1976) disse: “A ansiedade, como tal, não há por que apresentá-la aos senhores. Cada um de nós experimentou essa sensação, ou, para expressar com maior correção, *esse estado afetivo*, numa ou noutra época, por nossa própria conta...” (Freud, 1916/1976, p. 458, grifo meu). Aqui Freud nomeia a ansiedade como um tipo de afeto. E Klein fez da ansiedade o *leitmotiv*³ de suas teorias.

Continuamos hoje a lidar com a ab-reação.

³ Opinião pessoal, segundo a qual *leitmotiv* quer dizer motivo dominante.

Para Freud, o “representante psíquico” de um instinto consiste em dois elementos que sofrem vicissitudes bastante diferentes sob repressão. Um desses elementos é a ideia⁴, ou grupo de ideias, catexizada; o outro é a energia instintual catexizante (Freud, 1915a, pp. 175-176).

“... os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos” (Freud, 1915b, pp. 204-205).

Um afeto inclui, em primeiro lugar, determinadas inervações ou descargas motoras e, em segundo lugar, certos sentimentos; estes são de dois tipos: percepções das ações motoras que ocorreram e sentimentos diretos de prazer e desprazer que, conforme dizemos, dão ao afeto seu traço dominante. (Freud, 1916/1976, Conferência XXV, p. 461)

A quota de afeto “corresponde ao instinto, na medida em que este... encontra expressão, proporcional à sua quantidade, em processos que são sentidos como afetos” (Freud, 1915b).

Sem a dimensão do afeto, a análise é uma tarefa vã e estéril. Sem ‘compartilhar’ as emoções do paciente, o analista não é mais do que um robô-intérprete que melhor faria se mudasse de profissão antes que seja tarde demais.” (Green, 1986, apud Navarro, 2016, p. 22)

A complexidade que oferecem os afetos provém justamente de que são eles que habilitam o Eu para vivenciar a si mesmo por meio de seus estados de sentimento e na sua relação com o corpo.

⁴ *Vorstellung.*

Os afetos escapam ao controle do Eu e é por isso que adquirem valor de comunicação para outras pessoas e isto obriga a novas defesas, caso veicule mensagens inoportunas.

O circuito de trocas entre o Isso-Eu-Objeto origina tensões conflitivas mais ingovernáveis do que as representações.

Na constituição do inconsciente, Freud propôs elementos heterogêneos: as representações de coisas e os afetos que constituem seu núcleo.

Esse núcleo se relaciona com o corpo, a ação e a linguagem.

O que é, no sentido dinâmico, um afeto? Em primeiro lugar, inclui determinadas inervações motoras ou descargas; em segundo lugar, certas sensações, de dois tipos: as percepções das ações motoras citadas e as sensações diretas de prazer e desprazer.

Os afetos implicam transformações de quantidades e qualidades em qualidades.

No trabalho clínico, encontramos dois tipos de afetos:

1. Aquele que se acha integrado como material sólido ao resto do material significativo dentro da cadeia inconsciente (e pré-consciente). Sua significação está na sequência a que pertence. Adota a função semântica de significante (a situação analítica oferece a oportunidade de encontro com um objeto, o que faz surgir uma transferência projetiva e viabiliza ao analista permitir que o paciente a reintegre na sua comunicação e a transferência se torna semantizável).
2. Aquele que, por sua intensidade e significação, desorganiza a cadeia inconsciente e as comunicações, destruindo as estruturas produtoras de sentido. Não funciona como afeto sinal, mas como derivados diretos do Isso (afeto traumático).

Discute-se intensamente se os afetos têm ou não representação. “Todas as representações surgem de percepções, são repetições destas” (Freud, 1925/1976, p. 298).

Hoje, distingue-se a memória (registro de percepções) da lembrança (*memories in feelings*). As lembranças também têm sentido.

Ao falar de *memória alucinatória*, Freud a entende como uma maneira de o aparelho mental recuperar lembranças anteriores à aquisição das palavras (Vinocur Fischbein; Miramon, 2017 p. 198). Fica implícito que Freud já separava os traços mnêmicos das representações dos afetos, teorização que muitos autores mais recentes desenvolveram.

Metapsicologicamente situo o afeto como uma vivência primariamente corporal, baseado em sensações e emoções; originado no corpo, sem poder ser considerado pensamento ou linguagem. Quando surge a ideia ou a linguagem, na construção do aparelho psíquico (Isso, Eu e Supereu), esta, a ideia ou a linguagem, levam o afeto que as antecedeu.

É discutível falar de um representante-afeto da pulsão.

Há uma oposição entre as representações como marcas mnêmicas e os afetos como processos de descarga.

As marcas mnêmicas, quando não se descarregam, levam à repressão.

A interação entre o Eu e o Isso (e o Supereu) tem a tarefa de calibrar e modular as descargas afetivas.

A tópica afetiva é tradicionalmente interna na periferia do corpo (o Eu, está-se tornando cada vez mais intersubjetiva).

Nossa prática precisa de investigações:

- a) Qual é a forma mais adequada de resposta à comunicação afetiva do paciente, com a finalidade de obter melhor comunicação intrapsíquica no interior dele?
- b) Que tipo de lógica ocorre nessas trocas, dos dois lados?
- c) Qual a conexão de afeto dentro deste vínculo e o que se poderia chamar de lógica afetiva?

Finalizando:

Na atividade clínica psicanalítica, poderíamos dizer que a *talking cure* foi eminentemente verbal, uma linguagem. A função de psicanalista tinha um viés racional. As contribuições associacionistas de Freud lidavam com pensamentos, dos quais ele extraiu outras comunicações, de sentido inconsciente. No entanto, todo clínico tem noção de que tanto a linguagem do analista quanto a de seu paciente veiculam afetos, que são sentidos ou não, que disparam emoções e imagens, até chegarem na linguagem. A clínica de pacientes mais regredidos (*borderline* ou psicóticos) passou a fazer parte do trabalho psicanalítico, na medida em que houve uma aproximação dos psicanalistas a estados afetivos mais primitivos. Hoje sabemos que não avançaríamos na ajuda de situações de falso *self*, autistas, *borderline* e psicóticas sem dedicação ao entendimento do idioma afetivo. Nisso, incluem as questões de gênero e as novas formas de sexualidade e de parentalidade. Nós analistas precisamos elaborar nosso “racionalismo” teórico e a lógica do afeto. A lógica do afeto está distante da racionalidade, da linguagem e do discurso. É necessário o trabalho do Isso, do Eu e do Superego do analista, uma integração daquilo que esteve cindido, por “determinantes” teóricos ou pessoais.

Pacientes com estrutura de falso *self* são finos em captar a repetição de seu trauma primitivo, na relação com seu analista, e regulam movimentos de distanciamento ou de aproximação, de

forma surpreendentemente meticulosa e, por vezes, inconsciente para a dupla, levando a *enactments*. O regulador é afetivo.

Pacientes *borderline* não são silenciosos quanto aos seus afetos; perturbam o analista com sua fala, com suas atuações, com seu sadismo ou masoquismo etc. O desregulador é afetivo.

Pacientes psicóticos, na sua proteiformidade, surpreendem seu analista, ora com uma presença delirante e alucinatória transbordante ou com um afastamento castrador e desconcertante da função analítica. O discurso e a conduta costumam mostrar dissonância com os afetos.

Pacientes com estrutura de sexualidade polimorfa lançam o psicanalista, de outra geração, a uma falta de familiaridade e de convivência com as configurações amorosas atuais, traumáticas para o analista. Cria-se o sofrimento de verdadeira “neurose atual” freudiana, na mente do analista. O desregulador não tem palavra, não tem representação e é um afeto em ato.

Pacientes autistas ocupam um lugar de quem acha o objeto pouco interessante para investir sua pulsão. Entram num processo afetivo desobjetalizante, privando a relação analítica de trocas interpessoais que nutrem fantasias, vínculos e outras formas de investimentos intersubjetivos e subjetivantes.

E assim por diante, em muitas outras situações nas quais o afeto encaminha ou decide a imagem, a linguagem, a relação e o processo.

Muito obrigado.

Referências

- Freud, S.; Breuer, J. (1893). *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar*. Vol. II. Imago, 1974.
- Freud, S. (1895). *Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia*. Vol. III. Imago, 1976.
- Freud, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. Vol. IV. Imago, 1969.
- Freud, S. (1915a). *Repressão*. Vol. XIV. Imago, 1974.
- Freud, S. (1915b). *O Inconsciente*. Vol. XIV. Imago, 1974.
- Freud, S. (1916). Conferência XXV das *Conferências Introdutórias sobre psicanálise*. Vol. XVI. Imago, 1969.
- Freud, S. (1923). *O Ego e o Id*. Vol. XIX. Imago, 1976.
- Freud, S. (1925) *A negativa*. Imago, 1976.
- Freud, S. (1932). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Imago, 1969.
- Navarro, JB. *Diccionario conceptual André Green*. Lugar Editorial, 2016.
- Strachey, J. (1966). *Notas sobre alguns termos técnicos cuja tradução requer explicação*. Vol I. Imago, 1977.
- Strachey, J. (1966). *Obsessões e fobias*. Vol. III. Imago, 1976.

A escrita do *O Eu e o Isso*, há exato um século, amalgamou novas descobertas e hipóteses levantadas por Freud, sendo considerado o último ponto de virada de conceitos-chaves para entender o funcionamento do ser humano. Ela traz um novo modelo sobre o aparelho psíquico: a segunda tópica.

A segunda tópica Freudiana tem como marca inaugural a teoria Estrutural, na qual as instâncias Eu, Isso e Supereu se relacionam no interior do aparelho psíquico desde as demandas internas e externas, configurando, dessa forma, a subjetividade do sujeito. Marco de uma mudança significativa na Psicanálise, vem sendo prestigiado desde sempre, tanto que, um século depois, psicanalistas brasileiros filiados à Federação Brasileira de Psicanálise (FEBRAPSI) se debruçaram sobre o magnífico texto *O Eu e o Isso*, e nele se inspiraram para refletir sobre suas ressonâncias na atualidade.

Este livro é fruto da coletânea de dois anos de ricos debates entre grandes psicanalistas de todo o Brasil e certamente despertará o interesse daqueles que desejam se aprofundar na psicanálise.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2143-2

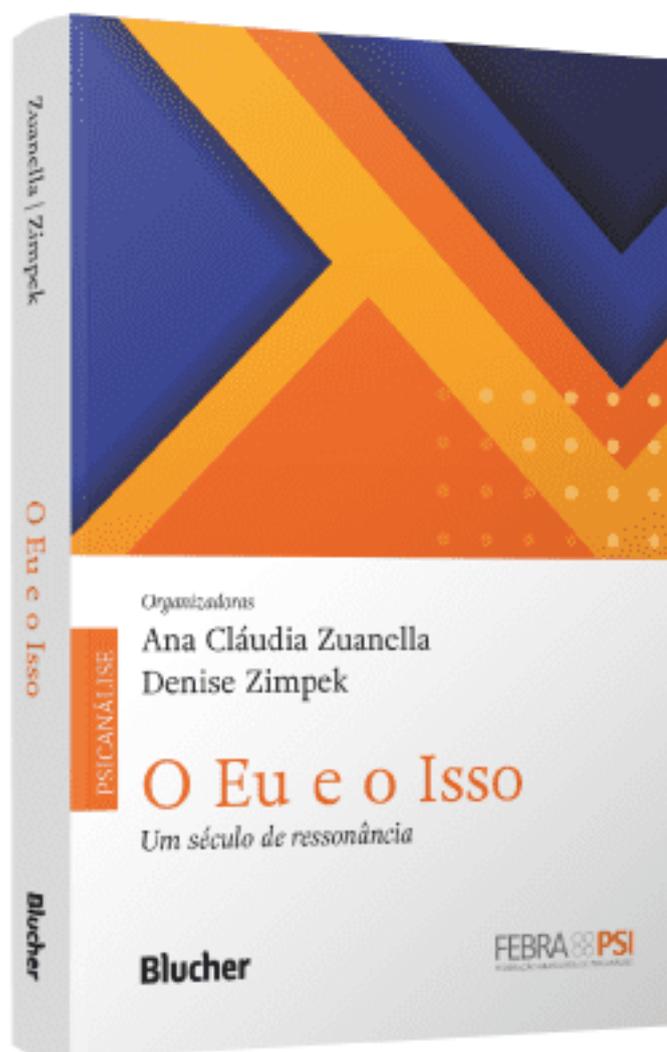


9 788521 122143 2



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

O Eu e o Isso

Um século de ressonância

Ana Cláudia Zuanelle, Denise Zimpek (Org.)

ISBN: 9788521221432

Páginas: 328

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
